

Artigo

Basta de
políticas
recessivas

Benito Paret

A idéia de promover cortes sobre cortes tem lá seus atrativos para açougueiros e economistas ortodoxos. Mas tem limite. Qualquer empresário ou pai de família sabe que, sob pressão, pode suprimir gastos, queimar poupanças e até vender seu patrimônio. O problema é que, além de um determinado ponto, a ladeira se torna tão vertical e lisa que não existe mais como frear. E o fim da estrada é um só: a falência e a miséria.



O governo Collor, é claro, pensa diferente. A modernidade é o que seus técnicos conseguem ver em algum ponto nebuloso do horizonte, para onde nos empurram. Um destino de nome fácil e significado vago, apoiado por efeitos especiais de marketing, que procura conferir à equipe de governo poderes premonitórios e a indiscutível guarda da verdade. A partir daí, todas as outras opções são heresias e o caminho para o Éden afunila-se em um só: a longa travessia pelo purgatório da recessão.

Triste solução. Há mais de dez anos estamos obrigados a marchar por esse deserto, assistindo nossa economia desmoronar, a inflação resistir, os indicadores sociais denunciarem a ruína de nossa sociedade, e nada de luz no fim do túnel. Nações semifeudais — como os chamados *Tigres Asiáticos* — se transformaram em economias de ponta em menos tempo, partindo de uma infra-estrutura inferior e recursos naturais infinitamente mais modestos.

Está claro, portanto, o descompromisso da tecnocracia encastelada em Brasília com o estado de saúde da sociedade brasileira. Durante o debate em torno da reforma tributária, nesse último quadrimestre do ano, essa falta de compromisso ganhou ares de sadismo. A necessidade de arrancar mais US\$ 6 bilhões — ou até US\$ 10 bilhões — em impostos estava por trás de cada vírgula, cada palavra, cada retórica sobre modernidade. Simplificação, redução de impostos, racionalização da máquina fiscal, tudo foi apenas um jogo de

cena. O importante era cobrir o rombo provocado pela queda da arrecadação. Se a queda foi provocada pela recessão e a recessão é uma política do governo, não importa.

Parece claro, portanto, que, se estamos indo para o paraíso, a entrada do Éden passou e ninguém viu. Ou não quis ver. O que fica cada vez mais patente é que a inexistência de um verdadeiro apelo nacional para superar a crise está por trás do fracasso das sucessivas tentativas de impactos e a continuidade do processo de deterioração da economia brasileira. E tudo isso, a despeito dos claros sinais de vitalidade que a nossa sociedade, sempre que possível, demonstra.

É patente que um projeto para o Brasil aglutinaria as forças políticas e mobilizaria o país. Basta olhar para trás, para 1986, por exemplo, ano que os economistas teimam em expurgar do calendário. Os erros provocados pela manipulação eleitoral do Plano Cruzado escondem o mais importante: naquele ano, o país encontrou-se num estado de comunhão rara. Resultado: entusiasmo, vitalidade, em resposta ao desejo nacional de expandir. O país ergueu a cabeça e teve um crescimento recorde. Naquela época, os jornais de Buenos Aires, que hoje apontam e dissecam nossos fracassos, nos chamavam de "potência vizinha" e conclamavam o governo portenho a engatar sua economia à "locomotiva brasileira." Curiosamente, o noticiário nacional nunca deu tanto espaço aos jornais argentinos, quando exaltavam o Brasil, como agora que — com a mesma razão — nos criticam. Mais um sinal de que nossas elites cultuam o sentimento de derrota, que fermenta o abatimento e o desânimo nacionais.

O mês de dezembro é uma boa época para pensar. O ano que termina já é o segundo do que também pode vir a ser mais uma década perdida. É hora de parar de rolar a ladeira. Não é justo, nem moral, que o governo continue a pedir mais tempo de sacrifícios. A dívida social que estamos gerando — superior em consequências e importância a todos os outros débitos nacionais — está crescendo e sufocando nosso futuro. É tempo de voltar a crescer.

Benito Paret é empresário e presidente da Flupeme — Associação Fluminense da Pequena e Média Empresa